

**Citation:** Anónimo (Bento Morganti) (Ed.): "Num.º 3.", in: *O Anonymo. Repartido pelas semanas, para divertimento e utilidade do publico*, Vol.3\003 (1754), pp. 21-28, edited in: Ertler, Klaus-Dieter / Fernández, Hans (Ed.): *The "Spectators" in the international context*. Digital Edition, Graz 2011-2019, [hdl.handle.net/11471/513.20.4518](https://hdl.handle.net/11471/513.20.4518)

N.º 3

*Da Sabedoria.*

HUMA das couzas que mais provoca ao rizo, e ao mesmo tempo inspira a reflexão, he ver, e observar certos genios, que inchados pela sua vaidade, e pela força da sua propria imaginação se querem sempre distinguir como sabios, e ser escutados como oraculos, porque se persuadem que cada palavra que proferem he huma sentença, e que cada discurso que fazem he huma quinta essencia do mais solido, e mais dilatado raciocinio. Algumas vezes que me encontro com hum destes espiritos, assim que aparece nunca o perco de vista, para examinar com attensam, até donde chegam os effeitos da sua vaidosa prezumpção e quasi sempre reparo em que comprimenta poucos, fala só com alguns, e quasi sobre posse, e immediatamente busca o melhor lugar, que de ordinario he entre as Damas, que como mais credulas lhe formam hum vistozo auditorio, e logo principia a espalhar entre aquella agradável tropa de parciaes, hum numero infinito de Decizoens, repartindo como por favor o ouro das suas palavras. Hum destes genios bem pode ser rico, bem instruido; e cheyo daquellas prendas que adquiridas pelo estudo, e pelo exercicio fazem hum homem civil, mas de ordinario se acham nelle tam arruinados estes principios da boa educação pela vaidade que concebe da sua grande sabedoria, que parecem mortos em hum corpo vivo, ou que somente os contempla a imaginação como passados no immovel simulacro da vaidade, e he pena que entendo acompanha hum destes, não ter existido no tempo de Paganismo, porque cuidio faria toda a boa deligencia para que construindo-se algum Templo, fosse a sua Estatua ainda que tenue, e breve, a quem se dedicassem os cultos excessivos, e agigantados. Isto que repetidas vezes observo, me faz lembrar dizer alguma couza sobre o argumento da sabedoria, para dezenganar o vulgo ignorante, mostrando que não ha no mundo quem inteiramente a pessua, e que he fatuidade reprehensivel haver quem imagine, e se desvança que tem este dom completo. Mas por donde darey principio a este assumpto da sabedoria? Se quero principiar pela consideração do seu nome, como ordinariamente fazem os Filósofos, acho que o toma (assim Divina como he) das couzas sensiveis, a materiaes. E S. Bernardo especificou que o gosto, e os sabores, são os primitivos authores da sua denominação. Se quero deixar este principio, e discorrer pelo da sua difinição, esta nos não pode instruir melhor, porque della ainda se não tem concordado qual he o verdadeiro Sabio que ella deve, ou pôde formar. A sabedoria, como diz o Orador Romano no primeiro livro das obrigaçoens da vida, he a ciencia não somente das couzas Divinas, e humanas, mas tambem de todas as cauzas de que ellas dependem; sejame licito referir pelas suas proprias palavras a authoridade deste grande orador, porque pode ser que estes papeis vão parar por a cazo as mãos, de quem entende muito bem a lingoa em que elle fallou; *Sapientia estrerum divinarum, humanarum, causerumque, quibus he (sic) res continentur scientia*. E quem he o que pôde ter esta perfeita luz, das couzas divinas, e humanas, com o conhecimento das cauzas que as produzem? E aonde se acharà hum espirito, que se possa com razão desvanecer de poder penetrar até donde he preciso chegar, para estabelecer sobre taes fundamentos esta pertendida ciencia? Certamente só possuie huma conhecida vaidade, e presumpção quem pertende mostrar que a chega a possuir. O Sabio dos Estoicos he disto huma prova manifesta, como descreve. Horacio:

*Si dives qui sapiens est, Et sutor bonus, solus formosus, e est Rex.*

He isto huma fantasma tão medonha, e tão grotesca, que a imaginação mais fina, e mais apurada a não pode deixar de conceber como huma extravagancia qualificada; porque não possuie somente as boas qualidades que acabo de referir nos sobreditos termos latinos, mas ainda seria mais perfeito que todos os Deozes que admittia a sua Religião, exceptuando Jupiter, e tambem o excederia nisto, em que Jupiter tinha por sua propria natureza

todas as vantagens com que se considerava, e elle as tinha adquirido por sua propria industria, sem ser inferior em couza alguma (excepto na immortalidade) a este Deos supremo do gentilismo, a quem tinhaõ obrigaçaõ de reconhecer. Mas não foraõ só os Estoicos, que cahiraõ neste prodigizio delirio, ainda que elles foraõ sim os que os levaraõ mais lonje, que todos os outros Filozofos Paganos, Porque Antistenes, fundador da feita cynica, sustenta como os outros em Diogones Laercio, que todos os bens que os mais homens possuem pertencem de direito ao que he sabio, *Sapientis esse quae caeterorum sunt omnia*. O outro Diogenes da mesma familia, e a quem a sua pipa fez tam celebre no mundo, quer que o seu sabio reconheça sómente as couzas dignas de serem amadas, alem de o fazer de tal forte impecavel, que segundo o seu conceito, ainda o mesmo sacrilegio se lhe não deve imputar como crime. Suposto que esta invectiva não deixa de entrar na classe das muitas irregulares que nos deixou escriptas, e concorda muito com a outra de Theodoro chamado o Atheo, que se acha escripta em Hesychio Illustrio, a qual por ser alguma couza indecente julgo não ser conveniente expola ao vulgo, e ao commum, em quem de ordinario falta o bom senso, ainda que a refere hum Author grave, e de boa nota, só direy em summa, que aquelle Filozofõ entendia que a prohibiçaõ de muitas couzas dependia mais da oppiniaõ popular, do que da sua propria natureza, e para os que endendem latim refiro as suas proprias palavras: *Sapiens furto, adulterio, sacrilegioque deditus erit, ex uso temporis, horum enim nihil natura turpe, si tollas popularem de his oppinoem, quae ad continendum in officio vulgus hominum recepta est*.

Os Mesmos Estoicos foraõ tambem favorecidos por Epicuro no attributo que davaõ ao seu sabio, de que não podia deixar de o ser, depois de ter huma vez adquirido a sabedoria; assim o refere o texto do que lhe escreveo a vida: *Eum qui simel (sic) fuerit sapiens, in contrarium habitum transire non posse*. Mas sem particulariar (sic) mais todas as qualidades de hum sabio fantastico, nada me parece mais absurdo, que a razaõ em que se fundaõ para sustentar que nisto não entra nada de Chimerico, e que o Mundo nunca esteve se hum sabio tal, como elles o representaõ, porque o bem deste universo quis que a idea que tenhaõ se realizasse em alguma de suas partes. Seneca assim o defendeo, como Estoico, em diversos lugares, e especialmente no setimo, e ultimo capitulo do livro da constancia do sabio, intitulado por alguns o segundo livro da tranquillidade da alma. Mas ainda que este grande Filozofõ diga, que a condiçaõ da nossa humana naturezam, e o bem deste mundo requeiraõ que se ache sempre hum homem taõ Etereocrito como o sabio que elle pretende, posso contra elle argumentar por tudo o que se ve no mundo, e por tudo o que experimentamos, e comprehendemos da nossa fraca natureza, que ella nunca produzio, nem poderá produzir em tempo algum nada que iguale as perfeiçoens de que elle reveste este simulacro da virtude. Que couza ha no mundo mais tenue, e mais fraca que o homem por qualquer principio que se considere? He a nossa vida, segundo a representa Democrito a Hypocrates, huma enfermidade continuada, e complicada a respeito das duas partes que cõstituem o nosso todo, por cauza da sua estreita, e intima uniaõ. E não se podendo duvidar de que isto assim he, de que Elementos se pode dizer se compoem aquelle sabio inalteravel, e que couza se pode conservar sempre firme sobre o cubo em q# se achar hũa vez colocada? Certamente descubro hum grande vacuo em todas as razões que pretendem estabelecer o contrario, este fosse necessario insistir mais contra ellas, ainda se pode achar muito mayor contradiçaõ. Mas ainda q# cuido não ha muita necessidade de insistir nisto para o convencimento da verdade, vamos adiantando mais o discurso ainda q# não seja se não para encher a folha, e acabe adonde acabar. Os mesmos Estoicos difiniraõ em infinitos lugares, o seu sabio por hum homem de todas as horas. Estabeleceiraõ muitas vezes por axioma constante, que não havia quem fosse prudente, e avizado em todas occasioens: *nemo omnibus horis sapit*, como disse, Plinio. Assim sem dificuldade resulta que aquelle homem de todas as horas se não póde realizar como pretendem, e que não póde ser concebido se não como huma fantasma da imaginaçaõ, ou como huma cruz rozada de que quiz abuzar a credalidade dos mais simples. E na verdade não ha mais que a verdadeira Religiaõ que nos possa sufficientemente informar no que consiste, ou deve consistir toda a nossa sabedoria, e instruir, e ensinar até donde ella em fim se deve encaminhar; porque Job instruido muito bem nesta escola, ensina que sómente a crença de Deos he que a communica apartando-nos do vicio. *Timor Domini ipsa est sapientia, et recedere à malo intelligentia*. David o confirma, chamando a esta crença, a porta, ou o principio de toda a sabedoria: *initium sapientiae timor Domini*. E seu filho Salomaõ nos representa em o seu Ecclesiastico homens velhos, coroados com huma siencia unida à crença de Deos; *Corona senum multa peritia, gloria illorum timor Dei*. Esta sem duvida deve ser a razaõ porque o Ecclesiastes profere livremente, que a verdadeira sabedoria nunca entra em hũa alma perversa, nem naquelles a quem tem subjogado o vicio: *in malevolam animam non intrabit sapientia, nec habitabit in corpore subdito peccatis*.

E na verdade, he a sabedoria hum Dom do Ceo, com que gratifica, e premea aquelles a quem quer encher de felicidade, mas verdadeiramente poucos a recebem, como Salomaõ, dormindo; ou para melhor dizer foi o unico a quem se concedeo por este modo, porque vemos do mesmo lugar em que se acha escripto este milagre, que nem antes, nem depois delle se vio no mundo outro semelhante, antes, *nec post eum similis non surrexit*. E assim acabo, porque tambem já o papel esta no fim, applicando para aquelles espiritos cheyos de vaidade, e prezumpçam que entendem se acham possuindo huma sabedoria incontrastavel, com o documento que o mesmo sabio Rey Salomam nos deixou escripto em seus proverbios, que nam basta conhecer a sabedoria, porque isto não he mais que saber simplesmente a sua primeira parte mas que devemos ao mesmo tempo fazer toda a deligencia para esta se possuir com todas as suas qualidades inseparaveis, sem desvanecimento, sem presumpção: *principium sapientiae posside sapientiam, in omni possessine tua acquire prudentiam*.

O certo he que a prudencia he hum grande final diagnostico para se conhecer a sabedoria, pois estas duas couzas ordinariamente passam como synonymas, tanto no uzo commum de falar, como em muitos lugares da sagrada Escriptura; e assim devemos confessar que não he o mesmo ser rico, que sabio; antes o contrario produzem as riquezas como diz hum proverbio Latino:

*Fortuna quem nimium fovet stultum facit.*

E que sem a prudencia nem ha sabedoria, nem valem nada as riquezas; e para dezengano destes ricos presumptuosos, e ignorantes, porque lhe falta a prudencia, lhe offereço estes quatro versinhos, que bem expressam o caracter que merecem no mundo civil:

*Sint tibi divite, sit larga, munda suppellex  
Esse tamen vel sic bestia magna potes.  
Nam quidquid fueris, nisi sit prudentia tecum,  
Magna quidem dico bestiam semper eris.*

LISBOA:

Na Officina de Pedro Ferreira, Impressor da Augustissima Rainha Nossa Senhora.